

O PENSAMENTO SIMBÓLICO COMPLEXO:  
ORIGENS E CONTROVÉRSIAS  
REFLEXÕES A PARTIR DE EVIDÊNCIAS DE  
ADORNOS, PRÁTICAS FUNERÁRIAS E ARTE

---

*Claudia Rodrigues-Carvalho*

“**H**umanos modernos”, “anatomia moderna” “mente moderna”, assim podemos encontrar nos textos sobre evolução humana referências qualitativas à nossa espécie. Ao termo “mente moderna” agrega-se o conceito de pensamento simbólico complexo. Para alguns pesquisadores, o pensamento simbólico sofisticado é exclusivo do *Homo sapiens*. De fato, várias manifestações simbólicas, especialmente associadas à arte, florescem a partir do período Paleolítico Superior (iniciado há cerca de 40 mil anos), principalmente no atual território europeu, produto dos primeiros *sapiens* que ocuparam a região.<sup>1</sup> A despeito disso, pesquisas vêm recuando no tempo e deslocando no espaço o aparecimento dessa característica. Pretendemos discorrer aqui sobre algumas das evidências que indicam um pensamento simbólico mais complexo a partir da tríade de adornos, práticas funerárias e arte, de forma a construir possíveis cenários, ainda que incompletos, desse desenvolvimento. Seleccionamos também algumas polêmicas em torno da antiguidade de algumas expressões culturais, como exemplo da diversidade de opiniões sobre o tema.

<sup>1</sup> MITHEN, S. J. *Pré-história da Mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

## À guisa de introdução

Nossa espécie é a única representante no globo do gênero *Homo*, mas nem sempre foi assim no passado. Compensamos essa representação única com uma ampla distribuição geográfica e grandes populações. Mas se olharmos em retrospecto para nós e nossos ancestrais, podemos perceber que o longo processo evolutivo que resultou no surgimento do *Homo sapiens* ofereceu à nossa espécie características especiais, as quais desenvolvemos em um nível não visto entre nossos antepassados e espécies próximas.

No que diz respeito aos artefatos, por exemplo, nossa cultura material se expandiu, multiplicou. Novas armas de caça e defesa foram criadas, bem como estruturas habitacionais e utensílios diversos, elementos necessários ao cotidiano e à subsistência. Fazíamos mais e melhor do que outras espécies, ampliando os usos de diferentes matérias-primas.

Ao longo da trajetória evolutiva humana, não apenas continuamos a utilizar e modificar rochas, ossos, chifres, dentes, conchas e peles para nosso benefício; aprendemos também a produzir elementos a partir de diferentes combinações, como a cerâmica e os metais. Nesse ínterim também aprendemos a cultivar e a domesticar animais e desenvolvemos uma nova e fundamental forma de transmissão de conhecimento: a escrita. Continuamos acumulando conhecimentos e aprimorando o desenvolvimento tecnológico, talvez duas das principais características que resumem o sucesso da espécie.

Todo esse imbricado de conhecimento e inovações tecnológicas é o resultado de uma longa acumulação de processos biológicos e culturais. O surgimento dos primeiros primatas bípedes há cerca de seis milhões de anos (um pouco menos para os mais conservadores), no atual continente africano, pode ser considerado o ponto de partida dessa trajetória. Cerca de quatro milhões de anos se passaram até o surgimento de uma característica fundamental em todo esse processo: cérebros proporcionalmente maiores em relação ao tamanho corporal e provavelmente mais complexos. Tal evento representa o surgimento do gênero *Homo* e das espécies que iniciaram a confecção dos primeiros artefatos em rocha (*Homo habilis* e *Homo rudolfensis*). A tendência a cérebros maiores e mais complexos persistiu ao longo da trajetória do gênero até nossa espécie.

Sem grande aparato biológico para defesa e com uma estratégia reprodutiva de alto investimento (gestação lenta), nossos ancestrais dependiam de sua organização social e de

sua cultura material para a sobrevivência. Num cenário de extrema constrição ambiental, inteligência e imaginação, ainda que rudimentares, devem ter sido cruciais para a sobrevivência desses primeiros humanos. Memória, cognição, espacialidade, abstração, capacidade de comunicação e de transmissão de conhecimento foram, no alvorecer do gênero, elementos fundamentais que continuaram sendo aprimorados ao longo do tempo. Tais elementos foram fundamentais para o desenvolvimento do pensamento simbólico complexo.

De uma forma ampla e resumida, o que entendo por pensamento simbólico é a extrapolação dos elementos tangíveis do contexto natureza/matéria e a construção de uma visão de mundo para além desses elementos. Tal extrapolação existe, de fato, na construção das relações sociais, por exemplo, e precede sua materialidade expressa nos artefatos e nos vestígios de ações humanas pretéritas.

A partir desse conceito amplo do pensamento simbólico, percebe-se que seus elementos constitutivos estão presentes, ainda que de forma rudimentar, na confecção dos primeiros artefatos em rocha. O manipulador precisa reconhecer na rocha que vai transformar em ferramenta a possibilidade de sua forma final; precisa abstraí-la, imaginá-la, para decidir como irá trabalhar a peça de modo a obter seu artefato. Essas qualidades mentais estavam presentes entre os primeiros *Homo* e, provavelmente, refletem a manipulação de outras matérias-primas perecíveis ou não reconhecidas no registro paleoantropológico. Percebemos um avanço nesse processo com o surgimento do machado de mão *acheulense*, representante de uma indústria lítica que se desenvolveu há cerca de 1,6 milhões de anos pelo *Homo ergaster* e utilizada por outras espécies posteriores. Esses machados simétricos demandavam uma compreensão diferente do espaço, a própria noção de simetria e a criação de um modelo mental mais elaborado para a preparação do artefato.<sup>2</sup>

A indústria lítica característica dos Neandertais representa um novo patamar no que se refere à elaboração de artefatos líticos. A técnica *Levallois*, desenvolvida por esta espécie, implica na obtenção de peças a partir de um núcleo de rocha trabalhado. De acordo com Martín<sup>3</sup>, esta forma de produção que envolvia o uso de “*distintas etapas operativas y distintas técnicas*”<sup>4</sup>, não reflete apenas a materialização de uma imagem mental da peça, mas um processo de avaliação contínua onde cada etapa pode levar a diferentes tomadas de decisão, revelando uma forma diferente de processar informações e de encontrar soluções a partir de uma situação em andamento.

<sup>2</sup> COOK, J. *Ice age art. The arrival of the modern mind*. London: The British Museum Press, 2013.

<sup>3</sup> MARTÍN, F. D. *Breve Historia de los Neandertales*. Madrid: Nowtilus, 2013.

<sup>4</sup> MARTÍN, F. D. *Op. cit.* p. 219.

O desenvolvimento tecnológico dos Neandertais só é suplantado por nossa espécie e, mesmo assim, milhares de anos após seu surgimento. A indústria de lâminas amplia o rendimento da matéria-prima e, acompanhada pelo uso intensivo de outros materiais, permite o desenvolvimento de artefatos diversificados. Esses e outros elementos vêm sendo apontados como o resultado de modificações cerebrais significativas no *Homo sapiens*, não apenas em tamanho, mas em qualidade. O cérebro diferenciado do *Homo sapiens* provavelmente se desenvolveu por volta de 200 mil anos atrás, quando nossos ancestrais experimentaram um grande período de seca no continente africano. A população extremamente reduzida persistiu, em meio às intensas pressões ambientais, as quais selecionaram os mais resistentes, mais aptos e, possivelmente, os mais inteligentes.

Embora as mudanças tecnológicas possam auxiliar na compreensão do desenvolvimento das capacidades mentais, o pensamento simbólico complexo pode ser inferido também a partir de outras manifestações. No momento em que a parafernália associada às atividades básicas de subsistência deixa de ser o único elemento no registro arqueológico, estamos diante de uma nova maneira de conceber o mundo. Objetos de adorno, evidências de práticas funerárias e o surgimento do que tradicionalmente chamamos de ‘arte pré-histórica’, são alguns dos principais elementos indicativos do pensamento simbólico complexo. Tais manifestações estão carregadas de significado e refletem relações sociais e conhecimentos diversos, não apenas sobre a realidade tangível, material, mas sobre uma realidade construída. A expressão de sentimentos, ideias, hierarquia etc., não é mais exclusividade dos gestos, dos sons, e das palavras, também passa a ser explicitada pela cultura material.

## Adornos

Um adorno pessoal é mais do que um objeto ornamental. Não sabemos se os primeiros adornos foram confeccionados apenas como enfeites, um modo de atrair a atenção, o que em si, já sugere certa noção de estética e de comunicação. Contudo, podemos imaginar que, muito cedo, os mesmos já estariam imbuídos de significados mais complexos, ainda que voltados à atração de parceiros. Um dente de um animal feroz, por exemplo, pode indicar força, virilidade ou prestígio; carregá-lo junto ao peito seria uma forma de comunicar tais valores.

É claro que muitos adornos, quer sejam apenas enfeites, quer transmitam um significado maior, não deixaram

registro. Um colar de flores ou braceletes de vegetais não teriam persistido ao longo do tempo. Da mesma forma, o uso de pinturas corporais também não pode ser inferido diretamente pela arqueologia, mas pode ser sugerido pela presença de pigmentos como o ocre.

O que está em jogo não é apenas a matéria-prima, mas o tempo e investimento dedicados à sua obtenção/confecção. Um exemplo disso são as conchas encontradas na caverna de Qafzeh, Israel, datadas de 95 mil anos<sup>5</sup>, com remanescentes de ocre, e sugestão de que algumas foram enfileiradas ou penduradas. Essas conchas, com perfuração natural, foram coletadas a uma distância de 40 quilômetros, o que lhes confere um significado especial, quer tenham elas sido coletadas diretamente pelos ocupantes da região ou tenham sido obtidas por meio de redes de trocas. Cabe salientar que outro elemento importante para nossa discussão foi encontrado nessa caverna: sepultamentos. Embora os dados arqueológicos não permitam associar as conchas às práticas mortuárias, foram também evidenciadas sugestões de acompanhamento funerário.

O uso de conchas como adornos ou objetos simbólicos em épocas recuadas também é registrado em sítios na África e no Oriente Médio, como na caverna de Blombos, África do Sul, onde análises sugerem, inclusive, variações nos padrões de uso e arranjo das peças.<sup>6</sup> O mesmo sítio também revela o uso de ocre e fragmentos de ossos com gravações abstratas.<sup>7</sup>

Adornos e pigmentos são indicativos de uma transformação intelectual que pode não ter começado com nossa espécie. Neandertais, com quem possivelmente partilhamos um ancestral comum, também apresentam, entre os remanescentes de sua cultura material, restos de ocre e dióxido de manganês associados à produção de pigmentos. Sítios tardios também apresentam adornos elaborados sobre osso, conchas e dentes<sup>8</sup>, o que também faz parte do debate em torno da convivência entre Neandertais e humanos modernos, e de possíveis transmissões culturais. Tal debate, ganhou novos contornos desde a descoberta da contribuição de DNA neandertal à nossa espécie.<sup>9</sup>

O parentesco entre *Homo sapiens* e *Homo neanderthalensis* ainda é motivo de discórdia entre especialistas, embora muitos pesquisadores sustentem que ambos descendem da espécie *Homo Heidelbergensis*.<sup>10</sup> Todavia, a hipótese de que tanto Neandertais como humanos modernos sejam subespécies de *Homo sapiens* (respectivamente, *Homo sapiens neanderthalensis* e *Homo sapiens sapiens*), não está

<sup>5</sup> BAR-YOSEF MAYER, D.; VANDERMEERSCH, B. & BAR-YOSEF, O. Shells and ochre in Middle Paleolithic Qafzeh Cave, Israel: indications for modern behavior. *Journal of Human Evolution*, 56:307-314, 2009.

<sup>6</sup> VANHAEREN, M. *et al.* Thinking strings: Additional evidence for personal ornament use in the Middle Stone Age at Blombos Cave, South Africa. *Journal of Human Evolution*, 64:500-517, 2013.

<sup>7</sup> D'ERRICO, F. *et al.* Archaeological Evidence for the Emergence of Language, Symbolism, and Music – An Alternative Multidisciplinary Perspective. *Journal of World Prehistory*, 17:1-70, 2003.

<sup>8</sup> D'ERRICO, F. *et al.* *Op. cit.*

<sup>9</sup> VERNOT, B. & AKEY, M. J. Resurrecting Surviving Neandertal Lineages from Modern Human Genomes. *Science*, 343:2.017-2.021, 2014.

<sup>10</sup> TATTERSALL, I. How did modern human cognition evolve? In: COHEN, H. & STEMMER, B. *Consciousness and Cognition*. American Press, p. 3-17. 2007.

completamente descartada. Essa relação tão próxima que gera polêmica entre os pesquisadores, pode ser uma explicação para certos paralelos entre neandertais e humanos modernos.

As evidências atribuídas aos Neandertais que levam à sugestão de um pensamento simbólico complexo (por conseguinte próximo daquele desenvolvido pelos *sapiens*) são ainda alvo de críticas e debates. Em recente artigo em torno dessa controvérsia, Burdukiewicz<sup>11</sup> alerta sobre a tentativa de desumanização dos Neandertais, sugerindo que, de fato, essas populações não diferiam muito das demais populações existentes à época, que possuíam pensamento simbólico, sinais sugestivos do uso de adornos, sepultamentos intencionais e outros elementos em comum com os primeiros representantes de nossa espécie. Nesse sentido, Martín<sup>12</sup> questiona se as formas de expressão do pensamento simbólico dos Neandertais seriam distintas daquelas dos grupos de *sapiens* que ocuparam a Europa e que foram responsáveis por uma profusão de manifestações simbólicas a partir dos 40 mil anos. O autor ainda salienta que essas manifestações podem ser um fenômeno específico desses grupos, uma vez que manifestações semelhantes em outras regiões ocorreram tardiamente.

### Sepultamentos e práticas funerárias

Debates à parte, é importante avaliar qual o papel das práticas funerárias no desenvolvimento do pensamento simbólico. O sepultamento intencional em si não é, necessariamente, um indicativo do mesmo. Sepultamos por diferentes razões. O corpo sem vida atrai animais indesejáveis. A presença de um cadáver, dependendo da cultura, pode ser aceitável entre os vivos, mas em muitos casos pode ser motivo maior de pesar. Da mesma forma, o processo de decomposição pode não ser agradável aos olhos. Sendo assim, motivos práticos para o sepultamento podem ser inferidos aos grupos humanos do passado, da mesma forma que os temos hoje, independente de questões religiosas ou simbólicas.

As pistas para inferir motivações além das de ordem prática recaem sobre o que os sepultamentos revelam, para além do corpo físico. A primeira delas pode ser simplesmente a presença de ornamentos pessoais, mesmo aqueles que o morto carregava em vida. A segunda, pode ser a presença de acompanhamentos funerários<sup>13</sup>, indicativos de rituais ou de crenças que extrapolam a realidade cotidiana.

<sup>11</sup> BURDUKIEWICZ, J. M. The origin of symbolic behavior of Middle Palaeolithic humans: Recent controversies. *Quaternary International*, 326-327:398-405, 2014.

<sup>12</sup> MARTÍN, F. D. *Op. cit.*

<sup>13</sup> Neste caso, entendemos como acompanhamento funerário não apenas objetos depositados intencionalmente com o morto, mas também a presença de pigmentos, como o ocre, possíveis indicativos de práticas rituais.

A terceira, um pouco mais discutível, refere-se às formas de tratamento e deposição do corpo, especialmente no momento do sepultamento, um indicativo de intencionalidade, mas nem sempre um indicativo de ação simbólica, pelos motivos já expostos. Todavia, certos elementos permitem inferir possíveis crenças, como a recorrência em um mesmo sítio dos posicionamentos dos corpos, associados aos pontos cardeais, entre outros.

Uma dificuldade para a interpretação de acompanhamentos funerários é a sua identificação precisa como tal e não como objetos intrusivos no sepultamento.<sup>14</sup> Tal discussão permanece para muitos dos sugeridos acompanhamentos encontrados em sítios neandertais, e mesmo para alguns sítios de humanos modernos.

Reavaliações de sítios, contrárias a uma origem antiga do pensamento simbólico, seja para neandertais ou *sapiens*, são recorrentes, como atestam os trabalhos de Garret<sup>15</sup> discutindo diferentes sítios do paleolítico médio e propondo alternativas para as condições dos esqueletos encontrados. Da mesma forma, Sandgathe e colaboradores<sup>16</sup> ao reanalisarem as condições do sítio Roc de Marsall (França) consideram que não há evidências que possam assegurar o sepultamento intencional da criança Neandertal encontrada. No bojo dessas controvérsias encontram-se discussões sobre a interpretação dos processos pós-deposicionais (tafonômicos) dos esqueletos humanos e, eventualmente, dos remanescentes de fauna encontrados, releitura das condições estratigráficas e interpretações divergentes sobre os processos de formação dos sítios.

Um caso singular de debate sobre o pensamento simbólico complexo entre neandertais refere-se à descoberta de evidências de pólen associadas a um sepultamento (sepultamento IV) na caverna Shanidar, atual Iraque. Os grãos de pólen encontrados sugerem a presença de flores depositadas intencionalmente no sepultamento.<sup>17</sup> Este achado vem sendo alvo de críticas, uma vez que algumas das espécies estão presentes na atualidade. Dada a grande facilidade com que o pólen se dissipa pelo ar, os resultados são considerados, no mínimo, discutíveis por alguns pesquisadores.

Mas à medida que avançamos no tempo, inúmeros são os exemplos, entre os sepultamentos de *sapiens* no Paleolítico Superior em diante, de práticas funerárias simbolicamente constituídas, na crença de um mundo não limitado pelas restrições materiais, de um mundo após a morte. Alimentos, ornamentos, oferendas parecem expressar variadas construções místicas que podem incluir desde elementos

<sup>14</sup> BURDUKIEWICZ, J. M. *Op. cit.*

<sup>15</sup> GARGETT, R. H. Middle Palaeolithic burial is not a dead issue: the view from Qafzeh, Saint-Césaire, Kebara, Amud, and Dederiyeh. *Journal of Human Evolution*, 37:27-90, 1999.

<sup>16</sup> SANDGHATE, D. *et al.* The Roc de Marsal Neandertal child: A reassessment of its status as a deliberate burial. *Journal of Human Evolution*, 61:243-253, 2011.

<sup>17</sup> SOLECKI, R. S. Shanidar IV, a Neanderthal Flower Burial in Northern Iraq. *Science*, 190:880-881, 1975. LEROI-GOURHAN, A. The Flowers Found with Shanidar IV, a Neanderthal Burial in Iraq. *Science*, 190: 562-564, 1975.



para acompanhar o morto na sua “viagem” para outro mundo, mantê-lo nessa nova situação ou mesmo “apaziguar” seu “espírito”.

A despeito dos questionamentos, uma antiguidade anterior a 40 mil anos para o início de práticas funerárias simbólicas parece ganhar corpo no registro arqueológico. Alguns dos trabalhos citados, que levantam dúvidas sobre essa questão, não excluem a possibilidade de sepultamento intencional e de eventuais acompanhamentos funerários, apenas sugerem que não há elementos suficientes para confirmar sua existência. Retorno ao pensamento de Matín: talvez a explosão artística do Paleolítico Superior esteja orientando o olhar para uma, mas não a única, forma de expressão do pensamento simbólico complexo. Tal reflexão também pode ser válida para as práticas funerárias.

Quando acompanhamentos funerários indiscutíveis surgem no registro arqueológico, torna-se claro o estabelecimento de uma nova realidade, que incorpora entre seus elementos intangíveis, crenças e concepções sobre um mundo invisível, no qual rituais, signos e símbolos se conjugam, para conforto do morto e dos vivos.

O sítio de Sungir, na atual Rússia, revelou ao mundo um exemplo singular de sepultamentos intencionais elaborados. Três indivíduos foram evidenciados sepultados com roupas e milhares de contas produzidas em presas de mamute, dentes de foca como pingentes e outros acompanhamentos. Um dos indivíduos era um homem adulto. Os outros dois (um menino em torno de 12 anos e uma menina por volta dos dez anos)<sup>18</sup> estavam claramente associados: foram sepultados ao longo de um mesmo eixo, com o topo de suas cabeças se tocando. Ainda que suas datas estejam sob discussão<sup>19</sup>, uma antiguidade em torno de 26 mil anos é proposta para os sepultamentos. As contas encontradas no menino são cerca de um terço menores do que as encontradas com o adulto, sugerindo uma possível diferenciação nos ornamentos por idade.<sup>20</sup>

## Arte

Dentre todos os elementos remanescentes no registro arqueológico, talvez o mais significativo seja o que chamamos de “arte pré-histórica”. Não pretendo entrar na discussão sobre o significado da arte como entendemos na atualidade e as eventuais diferenças ou mesmo a ausência deste conceito no período Paleolítico. O foco aqui são representações onde o cunho estético (presentes em artefatos e manifestações culturais, associadas ou não ao cotidiano)

<sup>18</sup> COOK, J. *Op. cit.*

<sup>19</sup> KUZMIN, Y. V.; VAN DER PLICHT, J. & SULER-ZHITSKY, L. D. Puzzling radiocarbon dates for the upper paleolithic site of sungir (Central Russian Plain). *Radiocarbon*, 56(2)451-459, 2014.

<sup>20</sup> COOK, J. *Op. cit.*



pode ser secundário a uma necessidade clara de comunicação, de transmissão de ideias, conceitos, sinais. Neste caso, a pintura corporal sugerida pela presença de pigmentos em sítios pré-históricos, e adornos, não deixam de ser manifestações dessa “arte”. Mas gostaria de ressaltar algumas manifestações igualmente importantes e, possivelmente, criações únicas de nossa espécie. A arte rupestre e as esculturas (simpaticamente apelidadas de “arte portátil”), cujas representações mais conhecidas são originárias do Paleolítico Superior, na Europa.

Entre as mais antigas esculturas, o “homem com cabeça de leão” é emblemática. Com cerca de 40 mil anos de antiguidade, a estátua foi recuperada na caverna de Stadel, Sudoeste da Alemanha.<sup>21</sup> Esculpido em uma presa de mamute, a peça constitui-se num ser bípede com cabeça de leão. Não é possível saber o que significa. Pode tratar-se da representação de um homem com uma máscara de leão, ou de algo mais espetacular ainda: a representação de um ser que não tem existência no mundo real. Em ambos os casos, estamos diante de um objeto carregado de conteúdo simbólico. Quer represente um homem, um clã, uma divindade ou outra coisa, há um significado particular para o artista e para aqueles que o possuíam, perdido no correr do tempo. Outra escultura semelhante foi recuperada em um vale próximo<sup>22</sup> e seu descobridor considera que as populações de ambas áreas compartilhavam a mesma cultura, provavelmente com elementos xamânicos.

Esculturas de animais são igualmente fascinantes. Um conjunto significativo foi recuperado na caverna de Vogelherd, não muito distante do sítio onde foi encontrado o “homem com cabeça de leão”. Representações de bisão, mamute, grandes felinos e o famoso “Cavalo de Vogelherd”, com cerca de 35 mil anos, foram recuperados neste sítio, que também possui sepultamentos humanos, fogueira e restos esqueléticos de cavalos.<sup>23</sup>

Representações humanas são também encontradas dispersas pela Eurásia. As famosas “Vênus”, pequenas figuras femininas esculpidas em marfim, rocha ou mesmo produzidas em argila – como o exemplar de Dolni Vstonice (República Tcheca). A despeito de suas variações estilísticas, a recorrência da temática feminina sugere que crenças e mitos poderiam ser compartilhados por alguns dos grupos humanos que habitaram a região a partir dos 30 mil anos. A primeira representação feminina conhecida é mais antiga e foi encontrada em Hohle Fels, no sudoeste da Alemanha.<sup>24</sup> Elaborada a partir de presa de mamute, essa curiosa repre-

<sup>21</sup> TATTERSAL, I. *Op. Cit.*

<sup>22</sup> CONARD, N. J. Palaeolithic ivory sculptures from southwestern Germany and the origins of figurative art. *Nature*, 426:830-832, 2003.

<sup>23</sup> COOK, J. *Op. cit.*

<sup>24</sup> CONARD, N. J. A female figurine from the basal Aurignacian of Hohle Fels Cave in southwestern Germany. *Nature*, 459:248-252, 2009.

sentação feminina com cabeça extremamente reduzida em relação ao corpo e fartos seios, possui uma antiguidade em torno dos 35 mil anos, demonstrando que ainda há muito que entender sobre as representações antropomorfas no território europeu.

Para além das “Vênus”, representações masculinas também surgem no registro arqueológico, embora em menor número, assim como representações de partes do corpo, como seios e falos. O destaque de partes específicas da anatomia humana parece ser precedido pela representação feminina. Contudo, boa parte das “Vênus” encontradas destacam alguns elementos do corpo como seios, abdômen e nádegas, geralmente avantajados, em detrimento de membros e representações faciais.

Representações humanas e animais também são encontradas na Sibéria, especialmente no sítio de Malta. Porém, estudos recentes sugerem que as representações desses objetos estariam associadas à infância<sup>25</sup>, distinguindo-se das representações clássicas das “Vênus” europeias, geralmente associadas ao feminino e à fertilidade. Tal perspectiva ainda carece de maiores estudos, mas permitem sugerir a possibilidade de diferentes complexos culturais, com distintas representações e construções do mundo simbólico. Um elemento adicional é o fato de que existem sinais sugestivos do uso de vestimentas nas esculturas antropomorfas, em contraste com as Vênus que se apresentam com o corpo despido.

O que todas essas figuras representaram para esses grupos pode apenas ser especulado. É possível, todavia, perceber que a partir dos 40 mil anos novas formas de representação dessa realidade construída, simbólica, estão presentes entre os grupos humanos e podem ser reconhecidos por nós a partir do registro arqueológico.

Não é possível falar de arte pré-histórica sem considerar as representações elaboradas por nossos antepassados tendo como substrato paredes rochosas, seja em cavernas, seja ao ar livre. Pinturas e gravações estão presentes ao redor do mundo, realizadas por diferentes culturas ao longo do tempo. Pela extensão do tema, o foco neste artigo recai sobre as controvérsias e não sobre as pinturas em si, cuja beleza, estilística e variedade de interpretações demandaria uma revisão por demais extensa.

As primeiras remontam há cerca de 35 mil anos e foram encontradas na gruta de Chauvet, França. Considerando essa datação, cerca de 15 mil anos separam as obras de Chauvet das demais pinturas encontradas na Europa.

<sup>25</sup> SCHMIDT, I. V. The “Malta Realism”: on interpreting Siberian anthropomorphic figurines from the Upper Paleolithic. *Archaeology Ethnology & Anthropology of Eurasia*, 38(3):50-57, 2010.

<sup>26</sup> PETTITT, P. Art and the Middle-to-Upper Paleolithic transition in Europe: Comments on the archaeological arguments for an early Upper Paleolithic antiquity of the Grotte Chauvet art. *Journal of Human Evolution*, 55: 908-917, 2008.

COMBIER, J. & JOUVE, G. Nouvelles recherches sur l'identité culturelle et stylistique de la grotte Chauvet et sur sa datation par la méthode du 14C. *L'anthropologie*, 118:115-151, 2014.

<sup>27</sup> PIKE, A. W. G. *et al.* U-Series Dating of Paleolithic Art in 11 Caves in Spain. *Science*, 336:1.409-1.413, 2012.

<sup>28</sup> ZÜCHNER, C. Comments and additional remarks on the paper by Jean Combiér and Guy Jouve: New investigations into the cultural and stylistic identity of the Chauvet Cave and its radiocarbon dating. *L'anthropologie*, 118:186-189, 2014.

<sup>29</sup> GONZÁLEZ-SAINZ, C. *et al.* Not only Chauvet: Dating Aurignacian rock art in Altxerri B Cave (northern Spain). *Journal of Human Evolution*, 65:457-464, 2013.

Obviamente, essa antiguidade tem sido amplamente questionada.<sup>26</sup> Todavia, datações por urânio em cavernas na Espanha<sup>27</sup>, incluindo-se a famosa Caverna de Altamira, sugerem que algumas pinturas, mais abstratas (discos, pontilhados etc.) possuem datações que superariam os 35 mil anos. Para os autores desse estudo, a arte parietal teria se iniciado, de fato, com as primeiras populações de sapiens que se estabeleceram na região e gradualmente teriam se desenvolvido até seu magnífico florescimento, por volta de 20 mil anos atrás. As cavernas teria sido revisitadas e novos “artistas” registrado suas obras junto à composições mais antigas. Tal perspectiva vem sendo postulada também para Chauvet.<sup>28</sup>

Não há expectativa para o fim do debate sobre a antiguidade dessas pinturas. A Caverna Altexerri B, na Espanha<sup>29</sup>, apresenta datas que remontam há 40 mil anos. Uma vez que essa antiguidade foi obtida a partir de ossos associados e não dos pigmentos – ainda que a análise estilística sugira alguma distinção entre as pinturas da caverna e outras posteriores –, não é possível afirmar que existam evidências incontestáveis da antiguidade da arte parietal.

No que diz respeito às pinturas, Chauvet se destaca pela presença de felinos, uma temática incomum nas pinturas de outras cavernas (mas presente em Altexerri B). Na maioria das cavernas é possível vislumbrar elementos da fauna contemporânea aos pintores. Bisões, cavalos, renas, representações humanas, entre outras, estão registradas no interior dos espaços rochosos. Em algumas, como Altamira, o relevo rochoso foi aproveitado para definir formas. O uso de iluminação artificial nas áreas mais escuras e profundas, e de suportes para atingir setores mais elevados, é comprovado em muitos casos.

As diferentes visões interpretativas sobre as pinturas remontam aos seus primeiros achados e persistem até os dias de hoje. Todavia, se as narrativas nos escapam, é possível sugerir que as populações que as elaboraram partilhavam um elemento comum: a necessidade de expressão para além das palavras, para além do momento fugaz de expressão sonora.

## Considerações finais

No presente artigo tentei sumarizar algumas das discussões relativas ao surgimento do pensamento simbólico, pensamento esse que nos define enquanto espécie, ainda que não tenhamos sido os únicos a desenvolvê-lo. Boa parte das controvérsias recai sobre questões relativas à multidisci-

plinaridade das investigações sobre o passado. São discussões referentes ao contexto arqueológico, aos processos pós-deposicionais, à leitura dos perfis estratigráficos, aos métodos e procedimentos de datação e outras análises.

É possível também perceber que parte das controvérsias envolvem questionamentos aos modelos estabelecidos de explicação do surgimento do pensamento simbólico e de algumas de suas manifestações. Atribuir o pensamento simbólico complexo apenas ao *Homo sapiens*, vem sendo cada vez mais questionado. Todavia, mesmo no que diz respeito às evidências em nossa própria espécie, disputas e discussões questionam sua antiguidade. Muitos dos dados apresentados, todavia, parecem indicar que o pensamento simbólico em nossa espécie teria uma origem anterior à exuberância de manifestações que surgem ao longo do Paleolítico Superior, com expressões talvez mais modestas para os observadores atuais, mas igualmente repletas de significado. Conchas e pigmentos podem não ter o mesmo impacto de uma bela estatueta ou de uma cena pintada em uma caverna, mas podem ter sido tão importantes quanto estas para nossos ancestrais.

É relevante dar continuidade a esse debate. Saber quando o pensamento simbólico complexo começou pode ajudar a esclarecer muito sobre o processo evolutivo de nossa espécie e sobre nossas capacidades mentais mais abstratas. Como única espécie representante do nosso gênero, descobrir porque somos como somos e como nos tornamos assim, ainda é um dos nossos maiores desafios.

**Claudia Rodrigues-Carvalho** é graduada em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá e Doutora em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. É Bioantropóloga com ênfase em bioarqueologia do Departamento de Antropologia e docente do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPq.

claudia@mn.ufrj.br